

Turismo e crescimento espiritual

Para uma avaliação positiva do turismo e sua Pastoral

JOSÉ DA SILVA LIMA

Foi-me proposto este tema para esta *Reunião Europeia de Pastoral do Turismo*¹. Vou desenvolvê-lo numa lógica escolhida do lado positivo, não só porque me foi pedido – «uma avaliação positiva» – mas também porque me habita a convicção profunda de que é nesta lógica que o cristianismo tem futuro, e promissor, no mundo onde está inserido, como Boa Nova e como fonte de transformação. A Ressurreição do Senhor constitui o lugar a partir do qual esta lógica positiva obtém o seu pleno sentido. A sementeira que a Igreja faz é uma sementeira positiva fundada na Páscoa e na sua lógica.

Anexa a esta dimensão pascal da lógica positiva desta reflexão, aparece uma outra, também de teor positivo, que é a de um certo regresso ao perfil Paulino de anúncio do Evangelho do Senhor, como testemunha, não do fruto imediato, mas da esperança de transformação daquela semente que morre oferecendo vida nova. Parece importante ter a audácia de mergulhar nos novos espaços sociais, nos areópagos pós-modernos com a ousadia do apóstolo Paulo, centrados, como ele, no acontecimento fundador da comunidade, a Páscoa de Cristo morto e ressuscitado². O areópago ao qual estamos enviados chama-se *Turismo*, de qualquer espécie, e fazemo-lo bem desde que, na circunstância de

¹ Reunião Europeia de Pastoral do Turismo, Vaticano, 29-30 de Abril de 2009, sob a direcção e coordenação do «Conseil Pontifical pour la Pastorale des Migrants et des Personnes en Déplacement». A intervenção teve lugar no dia 30 de Abril, no 40º aniversário do *Directório* (1969).

² Cf. Act. 17, 19-31.

cada um, se anuncie Cristo morto / ressuscitado, a abertura nobre e de excelência para o mundo em busca, para todo o ser humano que procura.

Deixem que vos cite o texto de 1998 deste Conselho Pontifício, já transcrito nas *Orientations pour la Pastorale du Tourisme* de 2001: «Dans le coeur de tous les hommes (...) se manifeste une inquiétude profonde pour leur condition d'*Homo Viator*, leur soif de nouveaux horizons, la certitude radicale que le but de leur existence ne peut être atteint que dans l'infini de Dieu »³.

Será nesta lógica, convicto de que assim é pela força pascal de Cristo, que reflecto sobre esta temática. Certo é que ela esconde outros aspectos, dos quais cada um não faz tábua rasa, mas que constituem motivos de um trabalho apostólico concertado, de envergadura, sem timidez e com aquele bom senso que a caridade de Cristo coloca em nosso coração. Assim, apresentarei duas pequenas partes: evocarei constatações deste sinal dos tempos (I) e enumerarei algumas tarefas de Boa Nova obrigatórias (II) no tempo que é o nosso, o tempo da Igreja que está em nós e nos coloca em regime de operários corresponsáveis.

1. Alguns sinais dos tempos

Sítios de uma busca, ocasiões de crescimento espiritual

O fenómeno é cada vez mais à escala planetária, dizem-no os sociólogos, o da deslocação de grupos, de famílias, de comunidades, em busca de outros lugares, de alguma forma saudável de preencher os tempos livres, sempre de saídas à procura de novidade, de uma forma de superação do habitual, de um retempero para as rotinas.

Os grandes lugares turísticos estão preenchidos do religioso, sendo as suas marcas de capital importância, incontornável, na trajectória que os turistas são convidados a realizar. Os sítios chamam-se Roma, Santiago de Compostela, Braga, Saragoça, Pontevedra, Fátima e muitos outros lugares, de menos importância nacional, mas de enorme importância local. Santuários espalhados por vilas e cidades, ermidas, conventos e tantos outros espaços que colocam a interrogação do espiritual⁴. Isto constitui a primeira constatação de algum crescimento espiritual no Turismo como fenómeno: não se passa por estes lugares, não se contemplam os seus ícones, nem se aprende com a história dos monumentos, sem uma interrogação interior, mais ou menos formal e que pode

³ CONSEIL PONTIFICAL – *Orientations pour la Pastorale du Tourisme*, Vaticano: 2001, n° 36, p. 57.

⁴ Cf. Gal. 5, 16-25. «Espiritual» no sentido que lhe confere S. Paulo na Carta aos Gálatas, 5, aquele que faz cada um sair de si, fugir da lógica egocêntrica (carnal), para se deixar dar por alguém que vem do além (segundo o Espírito).

suscitar conversões espirituais nunca pensadas, que mudam vidas, tocando-as na interioridade.

Não quero falar apenas das peregrinações organizadas para os diferentes grupos nas últimas décadas, mas das viagens familiares, dos roteiros culturais que são os das gerações do nosso tempo, cujos diários deixam marcas de perguntas indeléveis, diante da cúpula da Capela Sixtina, tatuagens no coração na bênção papal em Castelgandolfo (no Verão), no vislumbre das colecções dos museus do Vaticano, na simplicidade gloriosa da *Rue du Bac* (Paris) ou no esplendor da pintura de Rembrandt no Louvre, no trono da Virgem del Pilar (Saragoça), tocados pela beleza espiritual do rosto da Virgem de Fátima, no duplicado de uma iluminura ou diante de um ícone. Crescimento espiritual como uma semente, que desconhece ainda a árvore frondosa que virá a ser. Pergunta relevante, mas que para a recepção do dom da fé constitui um início de promessa, uma porta talvez semi-aberta numa viagem turística para cumprir bem o tempo de férias, para ter impressões fundas a contar aos mais próximos. O que fará esta pergunta inicial, quando estes sítios se tornam «novos areópagos de evangelização», quando ali é proclamada a Boa Nova como tal, falando ao íntimo de cada pessoa, deixando que o que Cristo dissera tenha tempo de ecoar?⁵ Sim, aí «Deus mesmo vem falar d’Ele ao homem»⁶.

Uma outra qualidade: o tempo livre como «nova consciência»

O fenómeno turístico revela uma evolução da consciência colectiva da humanidade em relação à experiência do tempo e do trabalho, o que potencia crescimento espiritual.

Os últimos dois séculos favoreceram a tomada de consciência aprofundada de duas facetas do humano, nem sempre reconciliáveis, a do trabalho fabril e a do tempo livre; a do homem e da mulher como parceiros de automatismos durante um longo tempo e a do controlo deste mesmo tempo, nos ciclos diários, semanais e anuais. A experiência das férias é a de uma certa liberdade ou libertação do tempo como determinante da qualidade das acções propriamente humanas. Neste terreno sócio-económico nasce e desenvolve-se o desejo de sair também do espaço habitual e das rotinas quotidianas, para uma maior unidade de libertação. Mesmo sem o referir, o turista conjuga as duas coordenadas do espaço/tempo que lhe são conaturais no desejo de as libertar das limitações

⁵ Cf. CONSELH PONTIFICAL – *Orientations...*, n.º 18, p. 27.

⁶ JOÃO PAULO II – *Tertio Millenio Adveniente*, n.º 6 (10.11.1994). Cf. Ed. Portuguesa, *O Terceiro Milénio*. Braga : A.O., Braga, 1994, p. 10.

habituais, para se sentir mais homem, mais mulher, ao revigorar o espaço e o tempo nos quais a história se compõe⁷.

É neste sentido que se pode falar de nova consciência do ser humano, em relação ao seu próprio ser, como ser de escolha, como lugar de decisão e também como ser trabalhador, encarregado de tarefas sociais que constroem o espaço e o ambiente nos quais pode usufruir de maior liberdade. Assim, embora sujeito a ambiguidades, o turismo facilita o acesso a novos percursos espirituais, a uma nova leitura da experiência terrena, articulando trabalho e lazer numa «nova consciência humana». O trabalho pode aparecer, então, na sua força de realização do ser humano, sempre que é possível libertar-se da sua labuta e do seu peso. O tempo livre, acomodando desejos de ir mais longe, aparece como tempo de regeneração, de maior humanização do trabalho, de reelaboração de uma identidade cansada, devolvendo-lhe aquela dimensão de participação na obra criadora sempre refundida⁸. O «espiritual» funda-se nesta re-invenção constante da dignidade de cada ser, e até, em quadro turístico, faz amadurecer tal dignidade na escuta dos contrastes. Nem todos usufruem ainda deste processo de libertação.

Veja-se o que acontece do ponto de vista turístico no quadro do fim-de-semana: trata-se de um retempero do trabalho no encontro dos grupos humanos mais próximos (família, por exemplo) e na respiração colectiva de lugares fundadores de identidade, num processo de memorização das origens. O turismo local e nacional prestam-se a esta busca de memória, à sua oxigenação, o que alenta espiritualmente⁹. É aqui, e assim, que a paz pode nascer, porque «é edificada, primeiro, no coração»¹⁰.

Um quadro ritual dignificado

Ao longo dos últimos quarenta anos, impondo-se a Igreja a si mesma a remodelação da sua visibilidade, o turista encontra um quadro celebrativo transformado, numa estrutura mais adequada aos seus anseios. Sempre que visita espaços de teor religioso, anota a vitalidade e aprecia o ritmo de uma Liturgia de comunidade, consciente e participativa. Anota-o para si e deseja até

⁷ Cf. S. CONGRÉGATION POUR LE CLERGÉ – *Directoire Général pour la Pastorale du Tourisme*. Vaticano : Vaticana, 1969, n° 11, pp. 20-21.

⁸ Cf. CONSEIL PONTIFICAL – *Orientations...*, n° 5, p. 8-9. Cf. a propósito da Dignidade, como consciência advinda do fenómeno turístico, JOÃO PAULO II – *Mensagem para o dia mundial do Turismo 2004*. www.vaticano.va (27 Set. 2004).

⁹ Cf. *Ibidem*, n° 10, p. 14.

¹⁰ BENTO XVI – *L'Osservatore Romano*, ed. francesa, n° 37 (2948), 12.09.2006, p. 4.

ver reproduzido na sua própria terra de origem. Tais contactos servem para a inovação sempre procurada nos espaços mais habituais aonde se regressa.

Tem particular relevo, neste apontamento positivo, a encenação do sacramento que faz a Igreja, no qual a Palavra constitui o tesouro de unidade, de diversidade das próprias línguas e o Pão do Céu é o tempero do desejo de ser fraterno, que se conserva muitas vezes como utópico no interior de uma «selva» onde o relacionamento já não o possui. O Pão permanece então como utopia e a Palavra como bálsamo. O espiritual foi, pelo menos, de vislumbre. Quanto o turismo abre este estigma no coração dos turistas, quanto trabalho de reelaboração foi conseguido ao longo de quatro décadas, depois do Vaticano III!

Quer o *Directoire* de 1969, quer as *Orientations* de 2004, colocam no centro o que é central: celebrar a Páscoa de Cristo, na Sua memória. Mesmo quando a Eucaristia não é vivida totalmente, o esforço foi tal do ponto de vista pastoral que parece poder dizer que o centro do espiritual emerge, como celebração da comunidade universal em Cristo, sem fingimento, mas no quadro particular de um sítio visitado¹¹. Ali, a língua não é empecilho, nem obstáculo, mas fala sobretudo o enredo de um ritual que transporta à refundação da própria comunidade humana. A Ceia de Cristo é este lugar refundador, memorial actualizante da Sua dádiva. Para muitos, a celebração impressiona, o que significa que deixa marcas de uma forma de estar no mundo, a de Cristo, a dos cristãos. Trata-se, nestas celebrações dispersas por toda a terra, de um dos maiores e mais nobres contributos para a abertura ao espiritual, no natural envolvimento no mistério. Muitos o celebram integralmente, outros o comungam de forma estética. Dizia-o Bento XVI em Lourdes, na sua última viagem (12-15 de Setembro de 2008): «Quantas pessoas vêm aqui para ver, esperando... beneficiar de algum milagre; depois, no regresso, tendo feito uma experiência espiritual de uma vida em Igreja, mudam o olhar sobre Deus, sobre os outros e sobre eles próprios. Uma pequena chama chamada esperança, compaixão, ternura, habita-os»¹².

A beleza como esplendor

«A beleza realizou-se de uma vez para sempre no jardim dos limites de Jerusalém. Sobre a rocha do Calvário está a Cruz da Beleza (...). O Verbo

¹¹ Cf. *Ibidem*, nº 19, p. 29 e *Directoire...*, nº 19, p. 31: « La formation de vrais chrétiens dans le tourisme trouve son achèvement dans la célébration eucharistique, 'source et sommet de toute la vie chrétienne' ». « Le tourisme (...) trouve son axe central dans l'Eucharistie, qui est 'signe d'unité et lieu de charité' du Peuple de Dieu et source de liberté qui ne sait opérer que le bien » (p. 32).

¹² BENTO XVI – « Lourdes, terre de Lumière ». *La Documentation Catholique*. Nº 2409, 5.10.2008, 850.

expressa-se neste mundo por meio da sua “kénose” suprema (...). O “êxtase do divino” é ao mesmo tempo a chamada mais alta que pode conceber o “êxtase a partir do mundo” (...). O Deus crucificado é a “kénose” e o esplendor da eternidade no tempo, o Todo infinito no fragmento da forma humana (cf. Fil. 2,6...), a revelação da beleza que salva»¹³.

A beleza fragmentada aparece como plataforma de encontros espirituais, ainda e sobretudo nos sítios que os turistas visitam, tratando-se do fragmento de um ícone, do fragmento natural de um lugar, do fragmento bucólico de uma situação invulgar, do fragmento de um objecto artístico que fascina. Constituem-se em aberturas possíveis, pelo fascínio que desenvolvem ou apenas pela luz interior que acendem no coração de quem admira. A arte anda ligada a estes fragmentos de beleza, cuja totalidade se encontra no mistério do Verbo Encarnado e Crucificado, «esplendor da Eternidade no tempo». Poder-se-ia falar de mediações, talvez transitórias, do esplendor total para o qual o caminhante caminha; porém, é uma espécie de derramamento interior do Espírito que acontece nestes lugares, sem todavia abrir à beleza total de uma confissão de fé, mas tornando-se senda propedêutica de um possível encontro. «Fascina-me a beleza da tua casa» e sinto alegria quando caminho para ti Jerusalém, não apenas pelo regresso, mas também pelo enredo estético da morada do Senhor.

Regista-se um contributo essencial do turismo para o acontecimento espiritual no coração das gentes, o que pressupõe o cuidado pastoral adequado, não só a nível do exterior, mas também a nível dos sinais disponíveis, da sua harmonização, da qualidade da organização espacial. Um trabalho de atenções esmeradas, que não se faz sem aquela preparação exigida cuja primeira regra é a de contemplar «a Beleza crucificada e abandonada», não somente como compêndio do enigma da condição humana, mas também como sentinela do porvir absoluto do homem e do mundo¹⁴. «É na morte e na ressurreição do Humilde onde se cumprem as transformações da Beleza, que ajudam os moradores do tempo a transgredir a morte e a redimir o fragmento: o êxodo de Deus de si mesmo e o Seu retorno, a vinda da Beleza e o seu êxodo para a vitória final»¹⁵. Pode acontecer o encontro com a vida, a partir de fragmentos propedêuticos da beleza, dado que «a morte da Beleza abre a impossível possibilidade da vida, a morte da morte, vitória da Beleza última sobre tudo que é passageiro»¹⁶. É possível afirmar que acontecem acenos de crescimento espiritual em todos quantos se abrem à Beleza procurada nas mais variadas formas da beleza fragmentada ou contemplada quer nas grandes catedrais, quer nos ícones das igrejas, quer

¹³ Bruno FORTE – *La Esencia del Cristianismo*. Salamanca: Sígueme, 2008, 147.

¹⁴ Cf. *Ibidem*, 149.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ *Ibidem*, 151.

na simplicidade de lugares bucólicos onde a natureza não foi tocada na sua dignidade primitiva, na sua harmonia dos elementos, das cores e dos cheiros, da frescura e dos ritmos. Utilizando B. Forte, pode-se dizer que «os trânsitos de Deus tornam possível o supremo trânsito do homem»¹⁷; aqueles começam nas alianças sucessivas que têm a natureza como primeira plataforma e a «luz da cruz» como a derradeira plataforma: «o umbral da Beleza crucificada remete assim para a beleza finalmente vitoriosa: para além das muitas palavras do tempo, permanece a divina custódia, a Beleza escondida». Caminha-se assim do fragmento ao todo, do parcelar e transitório ao definitivo, então a Beleza escondida será tudo em todos, «o amor jamais terá fim»¹⁸.

Estamos diante de um dos mais eloquentes contributos para «viver segundo o Espírito», pois quando a beleza fragmentada é contemplada, a «beleza do passageiro, do transitório, (pode tornar-se) o umbral que abre sobre os horizontes da Beleza que não passa, saboreada de antemão no amor, suplicada pela fé. O Todo se oferece no fragmento, o fragmento abre-se para o Todo através do caminho da Beleza que salvará o mundo»¹⁹.

A grandeza como passagem

Assim articulada, também a grandeza do que se visita pode ser apontamento ou orientação do «espiritual» que se mendiga. Há em todo o património artístico um apelo escondido à contemplação, não só do trabalho realizado por gerações, mas também da formidável *tradio* que os monumentos entregam e relatam sem textos longos. A grandeza proporcionada não o é sem memória histórica que prende as gerações umas às outras, e tudo isto não sem a importância do trabalho como força empreendedora e como energia dignificante. A memória monumental devolve a lição do trabalho e da cooperação, o que leva a dizer que não se trabalha senão com os outros e para os outros²⁰ e talvez a descobrir que o autêntico trabalho digno seja o de ir mais além da grandeza visível e assim encontrar a outra grandeza do Amor, inscrita nestas plataformas da *tradio* de mil gerações que a reclamam. Então, há uma passagem da grandeza à Grandeza, e da acção de graças para com os antepassados à Eucaristia de Cristo que funda o mundo. O desafio da altura, da dimensão, da proporção, podem constituir pórticos de abertura ao trabalho da fé, sob dois aspectos, o da passagem do testemunho e o do

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ *Ibidem*, 152, citando 1 Cor 13,8.

¹⁹ *Ibidem*, 155.

²⁰ Cf. CONSEIL PONTIFICAL – *Orientations...*, n.º 25, p. 38.

dom recebido, já que o Infinito revela-se no finito, o Amor nos amores de coração humano que ficam gravados em câmaras digitais.

O turismo contribui para a abertura da fé, no silêncio discreto do olhar que retém ou na surdina da grandeza fenomenal que poderá remeter para a grandeza transcendental. Admite-se assim a dádiva de uma tradição à qual ainda falta a Palavra que ilumina e esclarece. «O turismo pode tornar-se uma oportunidade de apreciar, autenticamente e partilhando, o tempo livre e a natureza, uma experiência e uma prática da hospitalidade capaz de criar uma cultura do acolhimento, uma procura da beleza e da sabedoria cuja tradição bíblica e cristã é rica»²¹.

A formação como tesouro

Se o olhar devolve a importância do trabalho conjugado para o desenvolvimento da vida de qualidade para todos, construiu-se ao longo destes quarenta anos, desde o *Directório*, uma enorme catedral inconfundível ao lado dos monumentos medievais que desafiam a altura; esta outra catedral, incomparável, desafia a profundidade, mostra o seu tesouro no interior das pessoas que servem a construção da Igreja de Cristo, nos circuitos do Turismo. Constitui um trabalho gigantesco no interior das gerações que gravou nelas um capital cultural sempre reconhecível e de grande porte: a formação dos agentes turísticos, de forma especial nos quadrantes técnico e artístico, indispensáveis para o bom funcionamento da indústria turística. Por um lado, criaram-se lugares de trabalho honesto para o desenvolvimento e sustento das famílias, os agentes dos serviços, particularmente nos lugares originários e nos lugares de destino; houve a criação de milhares de postos de trabalho onde as figuras envolvidas puderam aceder a um melhoramento da sua vida humana, sendo esta o lugar onde o espiritual começa, o caminho onde a Igreja se implanta. Mesmo quando de ritmo sazonal e flutuante²², o trabalho abre portas à Esperança e potencia a vida mais digna, o que é estruturalmente evangélico. Concede-se que, por outro lado, a formação dos agentes fez curso. Abriram-se pacotes de formação de teor profissional e mesmo de categoria académica superior; como tudo isto cresceu a qualidade dos produtos; a dimensão antropológica da actividade foi acentuada e conjugada com a competência acrescida de quem se prepara para ajudar a compreender a história da diferença cultural que se pode visitar. Competência e formação são realidades que se compaginam com o delicado

²¹ Cardeal Tarcisio BERTONE – *La Documentation Catholique*. N° 2391, 02.12.2007, p. 1049.

²² Cf. *Ibidem*, n° 11, p. 16.

respeito pelo «tesouro» histórico que se visita. Assim, se não se está ainda num aprofundado momento de estímulo para a fé e, por aí, para uma vida espiritual de autenticidade, está-se, com a formação de agentes competentes, numa zona vestibular cujo fruto maior se há-de apreciar mais tarde. Há toda uma diaconia de introdução ao tesouro dos lugares visitados que está a ser tida na devida conta pelas comunidades, mormente em escolas de teor profissional e em academias universitárias, nos países onde o sector turístico é relevante economicamente.

Quando os empreendimentos são de valorização do humano na sua competência própria, em regime de colaboração, está mais aberta a porta do espiritual, da sua possibilidade, do seu crescimento. A partir deste fenómeno de formação, o que se fez de relevo, sobretudo em cidades em desenvolvimento, no tocante ao carácter orientador dos turistas, o que em muitos lados foi seguido por uma pastoral de proximidade, de homilética turística adequada e de acolhimento nobre sustentado! Que trabalho ingente, de índole sinalética, fez cair na conta de que a Igreja tem um património que assegura alguma perenidade, na medida em que é percebido e historicamente situado!

Que trabalho positivo registam as duas últimas décadas no sector da literatura breve disponível que coloca nas mãos dos turistas o tesouro de séculos de cristianismo! Criou-se um hábito, em muitos sítios de visita turística, de dísticos breves de teor museológico que fazem das nossas cidades (catedrais e igrejas) autênticos museus abertos aos turistas atentos.

Além disso, ultimamente têm sido um lugar fontal de reflexão e de tomada de consciência as mensagens para o dia mundial do turismo, que chegam a todos os lugares e que tomam como centro de reflexão aspectos nevrálgicos das comunidades e de toda a comunidade humana²³. A Igreja tem sabido estar ao mais alto nível neste sector e tem sabido dar o testemunho dos factos, promovendo a sustentação da qualidade da vida.

Desta forma, a formação é vasta e ultrapassa o espaço das escolas, mas funciona como «escola de turismo», mesmo nos sítios da Net, alguns dos quais visitados aos milhares. É certo que quem viaja aprende, mas aprende mais quando tem pedagogos ou maiêutas que ajudam a decifrar os textos²⁴: aprende-se muito quando se viaja muito, mas aprende muito mais quando alguém indica o sentido dos códigos e os ajuda a decifrar.

²³ Lembro, a título de exemplo, as mensagens sobre o aquecimento global e sobre o papel da mulher.

²⁴ Cf. *Ibidem*, nº 15, p. 23.

2. Sugestões para a Boa Nova

Há tarefas que se adivinham nas sombras dos contributos de abertura espiritual que se enumeraram. Vou apontar algumas, de forma directa e resumida, para suscitar o debate que convém, pois a nossa reflexão pode ajudar a requalificar as nossas opções pastorais neste quadro.

A opção de Filipe no caminho do Etíope

Filipe trabalha na Samaria, desce à cidade e nela prega o Evangelho. Ouvindo-o falar e vendo fazer milagres, «as multidões aderiam unanimemente à pregação de Filipe²⁵. Depois, pôs-se a caminho seguindo a indicação do anjo do Senhor, dirigiu-se para Sul, de Jerusalém para Gaza e foi surpreendido por um alto funcionário da Rainha Candace, da Etiópia, na retirada da sua peregrinação a Jerusalém. O Etíope lia o profeta, mas não o entendia. Filipe entra em diálogo com ele e foi convidado a subir e a sentar-se junto dele. O Etíope interroga: “de quem fala o Profeta?” e Filipe, de forma simples, devolve-lhe a Boa Nova de Jesus. Encontraram uma nascente pelo caminho e o Etíope, ao ver água, desejou ser baptizado no seu nome, dizendo “Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus”».

Para o comportamento semelhante ao de Filipe exige-se o reforço da «formação», sobretudo laical, para abrir janelas aos textos daqueles que continuam a interrogar-se quando se afastam de Jerusalém, sem entenderem tudo, mas com interrogações no seu interior. Assim, mais abertura espiritual no turismo, exige Filipes preparados, com solidez, que saibam pronunciar o nome autêntico quando a pergunta é sincera. A formação laical será uma aposta a não descuidar para um milénio novo onde o turismo é areópago da pregação genuína. É necessário possuir o Evangelho de forma vertebrada, para ser capaz de o dizer na hora certa, quando surge próxima a nascente da água²⁶.

A corresponsabilidade na Igreja local

Neste sector, há uma cooperação indispensável, já que a comunhão supõe o ardor de todos no mesmo horizonte, em formas diversificadas. É o que acontece no início do Cristianismo, logo nos últimos 70 anos do I século. Tudo não

²⁵ Act. 8, 4-8.

²⁶ Cf. CONSEIL PONTIFICAL – *Orientations...*, nº 3, p. 7 e nº 34.

acontece de forma homogénea, mas o Senhor vai semeando de formas diversas, propondo sementeiras ao longo da bacia do Mediterrâneo, primeiro em Jerusalém com Pedro e depois de cidade em cidade para Paulo e seus colaboradores. Emerge uma corresponsabilidade fundadora, sem a qual Jesus Ressuscitado ficaria talvez escondido para todos. O Pai derramou o Seu Espírito sobre todos, na diversidade de línguas e todos trabalhavam arduamente no anúncio do acontecimento que os tornara maiores. Hoje, o Pentecostes dá-se nas igrejas locais, sempre que há pessoas abertas ao seu vento e que se deixam levar pelos caminhos novos que o mesmo Espírito abre. O Turismo pode acontecer como fenómeno que obriga a escutar a brisa mansa do Espírito, vento novo que ninguém sabe donde vem nem para onde vai²⁷.

No *Directório* (1969) e nas *Orientations* (2001) apontam-se as tarefas das Igrejas locais, comissões e departamentos, pois a opção é de todos e não só de alguns iluminados. É possível «anunciar o Evangelho», como sentido novo para as viagens, a descobrir no meio do vislumbre do belo e do grande. Importa que cada comunidade, sobretudo as mais envolvidas por este sector, tome a peito esta tarefa e a constitua como prioridade, o que implica uma rede de corresponsabilidade a edificar, marcando os seus passos nos planos pastorais. Tal corresponsabilidade, mais do que uma realidade afixada nos placares das portas dos templos (ou igrejas), vai emergir na consciência cristã de base, pois o autêntico baptizado é-o na responsabilidade de encontrar sempre o seu lugar adequado no processo pascal ao qual também é associado. Cada um completa o grupo dos doze, sendo no Baptismo escolhido como Matias para ocupar o seu lugar²⁸, recebendo o mesmo encargo dado aos apóstolos. Isto significa real corresponsabilidade. Há aqui uma tarefa a desenvolver, sem medo e com a ousadia do Espírito que hoje abre novos caminhos através do deserto.

Acolher, dom de ser útil aos outros

Abrir-se ao outro, como outro, é um dom e uma tarefa também. Faz-se no dom fundador da Eucaristia, mas tem traduções reais na prática da hospitalidade para com aqueles que visitam, que passam e que vão. O horizonte real deste dom de ser útil a outrem não pode esmorecer nas comunidades e talvez possa constituir uma nova *diaconia*, pois hoje, além do serviço das mesas dos mais pobres e dos mais desamparados, emerge e está patente o serviço das mesas dos turistas. Podem parecer abastados e até auto-suficientes, mas dão

²⁷ Cf. Jo. 3.

²⁸ Cf. Act. 1, 15...

também provas de indigência, de necessidades, de desejos insatisfeitos. Usam frequentemente linguagens mais analógicas e procuram o que está talvez mais além das pedras, dos vitrais e dos túmulos que visitam. São também aqueles de quem fala Jesus no discurso parabólico de Mateus 25: passam com fome, com sede, mesmo que procurem os melhores bares e venham de hotéis luxuosos. Acolher é uma tarefa humana que mobiliza quem recebe na escuta e no serviço a quem é recebido. Não se trata de uma tarefa de troca, nem muito menos de um pretexto para negócios de exploração. Trata-se de reler a sua própria dignidade na dignidade que se confere ao outro que nos visita.

Cada um sabe que está a caminho com os outros. Hoje é ele que acolhe, amanhã será ele o acolhido. Nesta consciência de dignidade recíproca, o «acolhimento» é dom espiritual de ser útil ao outro constituindo-se pequena luz na sua Páscoa²⁹

Um trabalho de discernimento

Do acolhimento ao discernimento vai a distância de um abraço, já que aquele constitui uma forma digna de testemunhar a vida do Senhor no coração de quem acolhe e de dignificar a identidade do acolhido, recebendo-o como a Jesus. Pode tratar-se do encontro a caminho de Emaús, onde o desconhecido permanece até ao anoitecer na fracção do pão. O caminho é longo. Pode tratar-se também do reconhecimento esperado e imediato na casa de Betânia. Ali o caminho é curto. Pode ainda tratar-se do reconhecimento a meia distância, depois do convite da descida do sicómoro para a mesa na casa de Zaqueu. O caminho é médio.

Para o discernimento, um passo importante é o da abertura do coração no acolhimento: verificar-se-á distância, lugares de algum desconforto, situações de dissimetrias intoleráveis, pátios abertos de miséria, questões sem resposta nas noites mais duras de quem é acolhido, procuras fora de lugar, desejos desencaminhados, trevas procuradas... mas o acolhimento talvez conduza ao discernimento pessoal do mal andado, da questão desfocada, da procura desumana, do pórtico da miséria frequentado. Discernir não é atitude de riscar a vermelho ou de considerar menor e miserável quem tem outros desejos. Discernir é ser capaz, no diálogo, de dizer o cerne, de apontar o centro, de desviar a rota, quando se é capaz de configurar no diálogo os traços de uma outra rota, a da Páscoa. As situações são transformáveis e os caminhos do Senhor insondáveis.

²⁹ Cf. CONSEIL PONTIFICAL – *Orientations...*, nº 16, pp. 24-25 e nº 13, p. 20.

A diaconia do discernimento não é tanto a do polícia, mas a do pedagogo, não tanto a do juízo precipitado, mas a do tom de fraternidade.

A opção ecológica

Uma tarefa sem fronteiras, pois a Terra é o berço comum de todos os seres humanos. A biodiversidade encontrada é benefício universal e, numa lógica de responsabilidade, compete a todos promover no respeito uma «cultura verde»³⁰. Esta opção é tanto mais grave quanto as ameaças dos ecossistemas são profundas. Está em jogo não só a sobrevivência neste ventre materno comum, oferecido pelo Criador (e por vezes devastado pelas criaturas, manipulado por interesses), mas está também em jogo o património do futuro, o advento das gerações vindouras com as quais no presente se sela um pacto de solidariedade. A grande medida é a de Jesus: «O que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o também a eles»³¹. A partir da igualdade fundamental na dignidade da pessoa, impõe-se este pacto solidário, carregado de esperança e movido pela beleza inigualável da mãe-natureza.

Também aqui, as acções promotoras de um mundo verde, os cuidados frente à degradação distraída dos ambientes naturais constituem um verdadeiro testemunho de quem se diz cristão, no respeito pelo que é oferecido à partida e precede e na colaboração responsável de preparar projectos que não esmaquem as condições naturais de sobrevivência dos seres vivos em harmonia. O regresso ao encanto primordial, a oração diante da beleza natural, o fascínio da monumentalidade de montes, rochedos, praias, mares e desertos... são uma opção que abrirá caminhos para o desenvolvimento espiritual.

Opção do Amor acima de tudo

A caridade é o cimo da perfeição. É a estrada quotidiana dos cristãos nas suas comunidades; é o testamento visível que cada um pode deixar aos que ocuparão o espaço em tempos vindouros. É a marca que traduz no caminho a santidade, como afeição ao Espírito³². Em todo o tempo, é imprescindível a

³⁰ Escreve-o claramente Bento XVI e foi acentuado na última mensagem para o Dia Mundial do Turismo. Cf. Mensagem para o Dia Mundial do Turismo, 2008. Cf. ainda www.noticias.terra.com.br (27.09.2008); www.zenit.org/article (29.09.2008). Cf. ainda CONSEIL PONTIFICAL – *Orientations...*, n° 26, p. 39.

³¹ Mt. 7, 12 e cf. Lc. 6, 31.

³² Cf. CONSEIL PONTIFICAL – *Orientations...*, n° 27, p. 40. Cf. a este propósito BENTO XVI – *Deus é Amor*. Lisboa: Paulinas, 2006, n° 29, p. 55: «A Igreja nunca poderá ser dispensada da prática da caridade... nunca haverá uma situação onde não seja precisa a caridade de cada um dos cristãos,

escolha de discernir o amor, como referem os Actos dos Apóstolos (cf. Act. 6, 5-6): a escolha de sete homens para que haja sempre comunhão³³.

A difícil questão da fé permanece, na terra dos homens, sempre que a caridade não é eloquente, mas ensombrada de interesses e de teimosias. A «caridade», como caminho e como opção, exige aquele anúncio obrigatório que pronuncia apenas um nome – Cristo, morto e ressuscitado. Não foi fabricado por ninguém, mas oferecido pelo Pai; não veio da terra, mas do Céu. Não se conquistou, mas é dádiva, é dom, é oferecimento, é novo caminho de verdade e de vida.

Uma tal opção comporta a difícil tarefa da Palavra, com peso e com medida, longe de discursos fastidiosos, mas pronunciada no tempo devido e na circunstância oportuna. A «fé», como caminho do Invisível, não se fabrica em nenhum laboratório, mas advém da Palavra pregada, na qual o centro é o Amor crucificado e ressuscitado.

Nem a comunidade, nem os cristãos têm mais nada a fazer do que «viver cristãmente o turismo»³⁴, para nele darem voz à Palavra feita carne, que o Pai concedeu ao mundo, porque amou o mundo.

porque o ser humano, além da justiça, tem e terá sempre necessidade do amor». E no n° 31, p. 62: «O amor é gratuito; não é realizado para alcançar outros fins (...). Sabe que o amor, na sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho de Deus.»

³³ Cf. BENTO XVI – *Deus Caritas Est*. N° 21.

³⁴ Cf. CONSEIL PONTIFICAL – *Orientations...*, n° 22, p. 33-34.